

A certificação orgânica participativa na agricultura familiar do Alto Sertão Sergipano

Tudo começou em 2018, quando um professor da Universidade Federal de Sergipe, Campus Nossa Senhora da Glória, ao vivenciar experiências sobre o desenvolvimento do algodão em outras regiões, iniciou um processo de articulação em parceria com a DIACONIA para fortalecer essa atividade. Esse processo ocorreu juntamente com os movimentos sociais e organizações, a exemplo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Centro Dom José Brandão de Castro (CDJBC) e Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

O primeiro passo foi a identificação dos agricultores e agricultoras que já faziam agroecologia no Estado, em parceria com os movimentos sociais, o CDJBC e o Projeto Dom Helder Câmara (PDHC). Através dessas articulações formou-se, em 2020, a Associação de Certificação Orgânica Participativa de Agricultores e Agricultoras do Alto Sertão de Sergipe, ACOPASE.



Agricultoras e agricultores do Alto Sertão de Sergipe (ACOPASE)

A ACOPASE é um Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OPAC), credenciado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Através desse credenciamento, a ACOPASE pode emitir o selo brasileiro orgânico aos produtos elaborados e comercializados pelas famílias que produzem de forma orgânica e compõem o Sistema Participativo de Garantia (SPG). A emissão desse certificado ocorre após visitas da comissão de avaliação e comissão de ética (composta pelos próprios agricultores e agricultoras), comprovando que a área está em conformidade orgânica.

A ACOPASE é formada por mais de 40 famílias de agricultores e agricultoras, que já conquistaram implementações de tecnologias sociais como as cisternas, microtratores, roçadeiras, bombas costais e plantadeiras. A associação tem abrangência em 7 municípios do Alto Sertão Sergipano: Gararu, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora de Lourdes, Monte Alegre de Sergipe, Porto da Folha, Canindé de São Francisco e Poço Redondo.

Inicialmente, o roçado das famílias foi transformado em uma Unidade de Aprendizagem e Pesquisa Participativa (UAPs), em parceria com a EMBRAPA, CDJBC, DIACONIA e UFS (Campus Sertão). O intuito foi incentivar os agricultores e agricultoras participantes a aprender de forma coletiva estudos e técnicas que seriam aplicadas na sua área.

A primeira UAP foi na área de Seu Humberto, agricultor do Assentamento Cachoeirinha, em Gararu. O roçado funcionou como uma experiência modelo para os outros agricultores e agricultoras. Segundo a agricultora familiar Iva de Jesus Santos, presidente da ACOPASE, depois do processo formativo da primeira UAP, a ACOPASE deu início a nucleação, com 4 núcleos. Esses núcleos foram desenvolvidos pelo SPG, a fim de que o conhecimento pudesse aproximar os grupos agroecológicos fortalecendo a multiplicação de saberes.



Tecnologias poupadoras de mão de obra

Maria Milena, tesoureira da ACOPASE e agricultora do município de Poço Redondo, ressalta que a UAP é formada preferencialmente por mulheres (inclusive sua diretoria), mas também por homens. Cada Unidade de Aprendizagem possui sua estrutura de coordenação e secretaria, e a ideia é que os membros dos núcleos e grupos façam a formação de novos membros, e esses construam a sua própria estrutura de roçado.

A formação é composta por módulos que trabalham o planejamento do roçado e o preparo do solo. Os agricultores aprendem nas formações a trabalhar com os documentos, a estudar os protocolos de boas práticas, as instruções normativas, a lei sobre orgânicos do MAPA, além das atividades do Sistema Participativo de Garantia, à exemplo da comissão de ética e de avaliação.

Os agricultores e agricultoras podem escolher as suas culturas, contanto que não haja competição entre eles e elas, e que tenham feijão e algodão dentro do plantio. Segundo Milena,

“geralmente a gente planta feijão, milho, girassol e gergelim. Tem agricultor que não coloca o gergelim, mas coloca o girassol e o milho (que são plantas de barreiras); tem agricultor que coloca a palma, mas não pode retirar o feijão, porque o feijão é um repositivo de nitrogênio do solo, então ele ajuda na proteção do solo e o algodão retira esse nitrogênio. Coloca o feijão para repor o que o algodão retira”.



Cida Silva: agricultora experimentadora e associada da ACOPASE

O projeto teve e tem o algodão como uma cultura inicial para comercialização. Porém, outras cadeias produtivas do roçado estão sendo trabalhadas, a exemplo do gergelim, amendoim, girassol, feijão de porco e feijão de macassar. Atualmente, a cadeia que mais vem se fortalecendo dentro da ACOPASE é a do gergelim, que tanto tem a função de proteger o roçado das pragas, como garantir a renda, em virtude da possibilidade de comercialização do gergelim em óleo, grão e pasta (tahine). Tudo isso contribuiu para a construção de uma mini unidade de beneficiamento de alimentos para a produção do óleo de gergelim e do tahine.

Dentre os avanços da ACOPASE, Iva destaca a importância do empoderamento das famílias, que contribui no aumento da autoestima, além do retorno econômico. “No começo a gente só tinha o algodão, que era uma compra certa, mas quando você já vai pra outro produto do roçado isso tem um retorno muito bom. (...) isso visa a produção e vê a economia voltando para sua mesa. É mais um produto que ele [o agricultor] sabe que é certo; se ele produzir ele vai ter retorno”.

Através da comercialização dos produtos, a associação já consegue fazer entregas na capital (Aracaju) e em outros municípios do estado. A comercialização já foi feita também para o Rio Grande do Norte, onde conseguiram produzir para esse estado 96 unidades, divididas em 72 potes de óleo de gergelim de 250 ml, 12 potes de tahine de 140 ml e 12 potes de 240 ml.

Como desafio, as agricultoras apontam a dificuldade de conseguir chegar em outras famílias para compartilhar o conhecimento. Apesar da ACOPASE ter somente 5 anos de criação, Milena e Iva consideram positiva a força da associação:



Produção de óleo de gergelim e tahine para comercialização

“É muito bom a gente ser tão jovem e ter todo esse processo de empoderamento. Hoje, a ACOPASE é uma associação muito empoderada e o empoderamento está nas famílias que estão lá fazendo a produção e o SPG da ACOPASE, que verificam, vigiam e cuidam um do outro, então o conhecimento não é concentrado, ele está chegando nas famílias”.

O empenho da ACOPASE em promover a capacitação e, conseqüentemente, a certificação dos agricultores e agricultoras, é de extrema importância para que eles possam potencializar as suas atividades e dar continuidade ao processo de produção e SPG. A organização coletiva onde os próprios membros da ACOPASE avaliam, atestam e garantem que o alimento da propriedade está dentro dos padrões exigidos por lei, ressalta a importância desses agricultores e agricultoras dentro do processo, além de incentivar o cuidado e preservação da sua área.

Realização



Apoio